

Criança e Consumo

Entrevistas

A importância do brincar



Ana Lucia Villela
baú de ideias

Lydia Hortélio
cultura da infância

Adelso Murta Filho
no quintal

Susan Linn
outros mundos

Adriana Friedmann
geração criativa

Paulo Tatit
vida de criança

Criança e Consumo

Entrevistas

A importância do brincar

Produção e supervisão: equipe Projeto Criança e Consumo

Coordenação Editorial: 2PRÓ Comunicação

Jornalista Responsável: Myrian Vallone - Mtb 18.229

Repórteres: Júlia Magalhães e Juliana Melo

Fotos: Renata Ursaia, Arnaldo J. G. Torres e Murillo Medina

Diagramação: Eliana Borges

Revisão: Patricia Cifre

Ano: 2010

Entrevistas realizadas entre agosto e setembro de 2009

Instituto Alana

Projeto Criança e Consumo

Presidente: Ana Lucia de Mattos Barretto Villela

Coordenadora Geral: Isabella Henriques

Coordenadora de Educação e Pesquisa: Lais Fontenelle Pereira

Rua Sansão Alves dos Santos, 102 – 4º andar

Cep: 04571-090

Telefone: (11) 3472-1600

E-mail: criancaeconsumo@alana.org.br

Site: www.criancaeconsumo.org.br

Sumário

Introdução pág 04

“O apelo emocional do consumo atinge todo mundo”

Ana Lucia Villela pág. 06

“Sonho com o tempo em que poderemos falar em integração nacional através da cultura da criança”

Lydia Hortélio pág. 18

“O quintal é o território encantado da infância”

Adelso Murta Filho Dias pág. 28

“Arte, religião e descobertas científicas são todas enraizadas na nossa capacidade de brincar”

Susan Linn pág. 36

“As crianças estão sendo educadas por um outro mundo que foge aos muros da escola”

Adriana Friedmann pág. 46

“É importante que a criança seja impregnada com o que há de melhor da sua cultura”

Paulo Tatit pág. 58

INTRODUÇÃO

No final do ano de 2008, o Projeto Criança e Consumo, do Instituto Alana, iniciou uma série de entrevistas para sua newsletter online com o objetivo de abordar os impactos negativos do consumismo infantil nas esferas social, ambiental e econômica.

O conteúdo dessas entrevistas foi sendo, ao longo de 2009, transformado em sete edições impressas, cujo objetivo é promover a reflexão a respeito dos padrões de consumo estabelecidos pela política atual de mercado.

Os livros tratam dos reflexos do consumismo na sustentabilidade do planeta; na erotização precoce e exploração sexual infantil; nos altos índices de transtornos alimentares e obesidade infantil; no alcoolismo entre crianças e jovens; na convivência familiar; na diminuição das brincadeiras criativas e na violência e delinquência.

Quinto livro da série, ***A Importância do Brincar*** traz depoimentos dos especialistas Adelson Murta Filho, Adriana Friedmann, Ana Lucia Villela, Lydia Hortélio, Paulo Tatit e

Susan Linn. Cada um, à sua maneira, afirma que o ingresso precoce das crianças no mundo adulto, em função dos fortes apelos das mídias, encurta a infância, roubando delas a possibilidade de um desenvolvimento saudável e criativo.

Brincando, as crianças desenvolvem sua criatividade e imaginação, exercitam comportamentos adultos e elaboram conflitos em relação ao mundo por tocarem, de maneira lúdica, em questões de difícil compreensão para elas. As noções de solidariedade, companheirismo, empatia, inclusão social, confiança e respeito aos limites do outro são adquiridas na infância por meio do brincar. E isso significa a formação de cidadãos mais integrados e comprometidos com o futuro do planeta. Levar o brincar a sério é o melhor caminho para a construção de uma sociedade mais justa e mais humana.

Boa leitura!

Isabella Henriques

Coordenadora geral

Projeto Criança e Consumo



“O apelo emocional do consumo atinge todo mundo”

A n a L u c i a V i l l e l a

dedica-se à infância. Mestre em Psicologia da Educação pela PUC de São Paulo, em 1994 iniciou um trabalho socioeducativo em uma das regiões mais carentes da Cidade de São Paulo: o Jardim Pantanal. Lá, moldou e fundou o Instituto Alana, organização sem fins lucrativos que promove assistência social, educação e cultura para a população.

Em 2005, a ONG ganhou mais uma causa pela qual lutar. Foi quando Ana Lucia despertou no Brasil o debate sobre o consumismo na infância e criou o Projeto Criança e Consumo. Depois de firmar a defesa por uma restrição efetiva da comunicação mercadológica dirigida ao público infantil, o Projeto agora amplia as discussões para apontar que os problemas do consumismo não se restringem à esfera familiar.

E uma das consequências mais graves do consumo desenfreado é submeter crianças a uma constante pressão de mercado. Nesta entrevista ao Projeto Criança e Consumo, Ana Lucia afirma que hoje essa pressão tem tornado o tempo de brincar cada vez mais raro.

Projeto Criança e Consumo - O que motivou você a criar o Projeto Criança e Consumo?

Ana Lúcia Villela - Eu fazia o curso de Administração de Empresas na FAAP e, na época, li um artigo que dizia que os Estados Unidos estavam investindo milhões de dólares em comerciais dirigidos a crianças. Não me lembro do número, mas era um valor chocante. Fiquei assustada, e a partir desse texto, resolvi fazer um trabalho sobre o mercado que existia para vender produtos para crianças, e que não fossem necessariamente produtos infantis. Quando eu já estava no Vera Cruz (Instituto de Ensino Superior Vera Cruz, onde fez especialização em Educação Infantil), escolhi esse tema como trabalho de conclusão de curso. Fiz um recorte de como os comerciais televisivos retratavam a criança, e a conclusão foi que a criança tinha mesmo se tornado o centro de tudo e era um alvo fácil para o mercado publicitário – bem na linha de crianças sendo formadas como consumidoras, e não como cidadãs.

Esse tema sempre me chamou a atenção. Eu dava aulas e ficava muito irritada com a influência da mídia no comportamento infantil. As crianças falavam: “Vamos brincar de Pokémon?”. E eu entrava na delas. Elas começavam a brincar, e eu observava que havia uma limitação: “Não é assim, você não viu ontem como era? O Pokémon não faz isso!”, dizia uma delas. As crianças ficavam circunscritas à imitação fiel do que viam e não criavam nada em cima daquilo, o que me incomodava muito. Outra coisa que me enlouquecia era ver criança

de batom, salto-alto, bolsa... Uma erotização precoce absurda!

No Jardim Pantanal (bairro no extremo leste da capital paulista), vi mães gastando o salário do mês para comprar o brinquedo que o filho tinha visto na televisão. A gota d'água foi quando presenciei uma mãe batendo muito na filha porque ela tinha comprado uma boneca com a qual a menina brincou por uma semana e depois não tocou mais. Eu já observava isso em todas as esferas sociais, mas fiquei mais horrorizada nas regiões menos favorecidas. Porque as crianças de famílias com uma situação financeira mais privilegiada tinham, de alguma forma, a cultura de comer bem, de ir ao museu, de viajar. Na comunidade Pantanal isso simplesmente não existia. Não havia, sequer, um médico para orientar a alimentação da criança, não existia lazer...

Um dos principais argumentos dos atores de mercado é dizer que os limites devem ser dados pelos pais. Mas de que forma os pais que vivem uma realidade como a do Jardim Pantanal podem lidar com isso?

Os pais também são vítimas, mas nem percebem. E não vejo uma diferença muito grande entre pais de níveis econômicos diversos com relação ao consumismo dos filhos. Porque o apelo emocional do consumo atinge todo mundo! Porém, em uma região pobre, é mais triste porque o desejo é despertado e eles não podem comprar. Gastam o que não têm para comprar

um produto que a criança não vai usar. A criança fica mais tempo sozinha em casa com a televisão ligada. Com menos recursos e com mais exposição a essas mensagens mercadológicas, o impacto é muito maior. Isso é um fato. Mas também já encontrei mães muito esclarecidas nessas comunidades.

Como combater os impactos negativos do consumismo na criança?

Acho que devemos ir pelo lado positivo, de explicar, dialogar, de trazer outros exemplos. Oferecer para a criança a oportunidade de conhecer um mundo diferente daquele em que ela vive, de sair da frente da televisão e fazer um passeio, conhecer a cidade. Isso desperta a curiosidade e oferece a ela outras referências.

Como educadora, é difícil lidar com essa nova realidade das crianças, já que não há como impedir que elas mergulhem no mundo do “Pokémon”?

Mas você pode apresentar outros mundos a elas. Se a criança está na fase de colecionar brinquedos, por exemplo, então porque só colecionar tal boneca? Temos de aproveitar o que há de rico nesse universo e incentivar a descoberta de outras coleções. Então, vamos atrás do que o pai colecionava! Vamos colecionar algo em sala de aula, todo mundo junto... É preciso partir do universo deles e ir além.

Nesse sentido, é importante conhecer o universo infantil?

Acho importante sim. Porém, mais importante é ensinar a criança a brincar e apresentar a ela várias formas de brincar. Imitação, faz-de-conta, jogo, brinquedo. Mas é preciso saber do que as crianças gostam e o que desejam para conhecer o que interessa a elas.

O brincar é ensinado? Ele não é natural do universo infantil?

O brincar deve ser ensinado. Não acredito que ele seja natural. O que acho é que a criança tem mais liberdade para brincar e fantasiar do que o adulto, que já está preso a regras e ao sistema. Mas a criança é ensinada a brincar desde bebê. Ela interage com o mundo brincando, e quando acha graça em alguma coisa é porque, em outro momento, vivenciou uma situação parecida. Isso quer dizer que sem o mundo ao redor dela, ela não brinca.

Por que o brincar é importante para o desenvolvimento humano?

O brincar é fundamental por muitos motivos. Um deles é conhecer o mundo em que se vive. A primeira coisa que a criança aprende a fazer é imitar o adulto. E quando ela fica mais velha, brinca de ser carteiro, de ser médico. Por quê? Porque tudo o que ela aprendeu na vida, imita através do brincar. Essa é a chance que

ela tem de se colocar em vários papéis, de se colocar no lugar do outro, de planejar a brincadeira, de criar soluções e avaliar como foi a brincadeira. Outro fator importante do brincar é a socialização, porque é na brincadeira que a criança interage com outras pessoas e, assim, aprende a respeitar o outro, a seguir regras e a conviver em grupo. A vida é isso. Nós, adultos, estamos sempre trocando de papel também. Você é mãe, profissional, amiga... Enfim, a cada hora você exerce um papel. Mas, além de ser um treino para a vida adulta, o brincar é uma maneira de a criança entender como o mundo funciona. O brincar é muito amplo: brinca-se sozinho e com os outros.

Em que momento a criança começa a entender o mundo, a perceber que está brincando?

Até a criança entender que ela é um ser diferente da mãe demora cerca de um ano. Nesse período, a criança é egocentrada. Depois, começa a entender que faz parte de um mundo lá pelos três anos de idade. Só quando ela entra no mundo letrado é que passa a compreender mais efetivamente as coisas, pois tem mais uma ferramenta de leitura do mundo, que é a leitura e a escrita.

E qual a importância da brincadeira nessa fase em que a criança já compreende melhor sua relação com o mundo?

É muito importante a criança começar a ter brincadeiras coletivas, porque cada vez mais ela vai sair daquele

mundo de poucos amigos, de convivência só com os familiares, e vai ampliar o seu universo. E, para isso, ela precisa entender melhor o mundo. Para entender melhor o mundo, ela precisa fazer brincadeiras coletivas, jogar com várias pessoas e com regras mais complexas.

Qual é o grande problema dos brinquedos eletrônicos?

Eu acho que existem brinquedos e brinquedos eletrônicos, sabe? Alguns são bem interessantes. Por exemplo: eu estava com a minha enteada aprendendo a tocar guitarra. Talvez fosse mais interessante aprender a tocar no próprio instrumento. Agora, a Susan Linn (psicóloga norte-americana) fala bastante do lado negativo de brinquedos eletrônicos, principalmente da violência nos jogos de videogame. Mais da metade dos jogos eletrônicos são extremamente violentos e não são adequados para as crianças. Outra questão são os estereótipos desses jogos, que são passados de maneira deturpada. E há outros brinquedos eletrônicos que se limitam a apenas uma função, como a boneca que fala, que chora para trocar fralda, brinquedos que não estimulam a criança a criar, a fantasiar.

Você está falando de brinquedos estruturados. Qual é a função deles?

A função dos brinquedos estruturados é fazer com que a criança possa imitar o mundo. É brincar de tudo o que está aí. E são muito importantes por estarem

expostos, por serem atrativos e por fazerem parte da sociedade, enfim. Não dá para escondê-los das crianças. No entanto, é possível usar a imaginação, dar exemplos de outras formas de brincar com o brinquedo que não sejam apenas as dadas pela mídia.

E uma boneca como a Barbie?

A Barbie já vem como a boneca que todo mundo quer, a que é certa, a que é bonita. Ela já vem com um monte de carimbos. Precisa ser loira, com cabelo comprido, com aquele corpo. Então, a criança brinca com aquela boneca que já vem com um ideal de beleza. É meio complicado. Até acho que é possível brincar de forma criativa com a Barbie. O que eu acho ruim são os valores que ela passa. É a indústria da Barbie.

Existe um discurso hoje de que a infância está mais curta. O que você acha disso?

Acho que se encurtamos a infância, temos consumidores mais rapidamente. É simples assim. Esse é o discurso de quem quer ver a criança, desde muito pequena, comprando um monte de produtos. E a criança ainda não está formada. Ela não consegue pensar como nós, adultos. Por mais estimulada e genial que ela seja, não está com o cérebro formado. Uma criança aprende muito mais rápido que um adulto? Aprende. Isso tudo nós já sabemos. Mas ter as funções que nós temos, só quando ela for adulta.

Quais as consequências de pular etapas da infância?

A criança não consegue ser um ser humano completo. Não brincar o quanto deveria brincar, não vivenciar o que deveria vivenciar dificulta o desenvolvimento das capacidades de um adulto saudável.

Existe uma linha de pensamento que considera a infância um conceito. Você concorda?

Não. Depende de como se lê a infância. Se pensarmos que a criança precisa de um amparo, que não se desenvolve sozinha, que precisa sempre de um adulto por perto, que o seu cérebro ainda não está formado, assim como o seu corpo, é claro que não é apenas um conceito construído. Infância é infância. É aquele período da vida em que a criança ainda não tem todas as capacidades e que precisa da ajuda de um adulto. E é por isso que o Estado assegura todos os direitos à criança.

Com relação às políticas públicas, como garantir à criança o direito de brincar?

No Estatuto da Criança e do Adolescente [ECA], há leis relacionadas a isso. E os próprios parâmetros curriculares contemplam a importância do brincar para cada etapa do desenvolvimento. Então, o brincar tem de estar inserido em qualquer processo de aprendizado. E isso é lei. Mas existe uma discussão, porque cada vez

mais estão encurtando, nas escolas, os recreios, como se não fosse importante o brincar. Existe um movimento grande que considera o brincar importante, mas é muito fácil o professor se esquecer disso. E eu nem culpo o professor, porque mesmo sabendo da importância do brincar, ele fica tão preocupado com tudo o que precisa cumprir durante o ano letivo, que é fácil esquecer o brincar. Acho que é mais um alerta.

E por que esse tempo de brincar tem sido diminuído?

É a pressão do mundo em que a gente vive hoje. A visão de que é tudo rápido, de que há muita informação e de que precisamos dar conta de tudo. Esse fenômeno tem a ver com o mundo globalizado, com o mundo muito mais competitivo. Antigamente, era mais fácil ter tempo para brincar. Se analisarmos as crianças que tiveram chance, no passado, de ter uma infância saudável, vamos perceber que elas se tornaram adultos muito mais bem-sucedidos na vida.



Foto: Renata Ursala



**“Sonho com o tempo em
que poderemos falar
em integração nacional através
da cultura da criança”**

Lydia Hortélio

estudou piano, educação musical e Musicologia, mas foi na cultura do brincar que encontrou sua maior paixão. Já são mais de 20 anos de estudo sobre os brinquedos, palavra que, segundo ela, não traduz apenas um objeto. Seu significado é bem mais amplo. Ela diz que brinquedo é tudo o que envolve o brincar. A roda, o jogo, a cantiga. É uma palavra que traduz desde o objeto com o qual se brinca, a estrutura brincante até o próprio fenômeno lúdico.

Nesta entrevista ao Projeto Criança e Consumo, Lydia afirma que as crianças de hoje estão perdendo muito por não terem contato com a natureza e não terem a oportunidade de aprender mais por meio dos brinquedos tradicionais.

Projeto Criança e Consumo - Como surgiu seu interesse pela cultura do brincar?

Lydia Hortélio - Quando um professor extraordinário que eu tive me mostrou gravações feitas na Hungria, no começo do século XX, com crianças pequeninhas cantando, fiquei profundamente tocada. Logo eu comecei a fazer fichas dos brinquedos da minha infância. Foi nesse momento que despertou em mim o interesse pelos brinquedos. Esse professor me chamou a atenção de que nós, educadores, tínhamos o costume de tirar a cantiga e dar aula de música. Ele disse que isso ainda não era brinquedo. O brinquedo tem a cantiga, tem a palavra, tem uma ação, tem um movimento próprio e precisa ser brincado para poder ter vida. Ele dizia que um brinquedo é um organismo vivo.

Que relação você vê entre o brincar e a música?

Os brinquedos são silenciosos. Os meninos falam muito, mas quando estão brincando não falam tanto. Eles só falam o que é necessário para a realização daquele brinquedo. E o vocabulário é ligado às regras e à necessidade de cada brinquedo. Vi mais tarde que havia alguns brinquedos com som, e esses sons também eram estruturais. Então, existem brinquedos silenciosos e brinquedos sonantes. Esses brinquedos sonantes têm uma música muito elementar que depois vai se tornando mais complexa até chegar aos brinquedos verdadeiramente cantados com melodias desenvolvidas. Com esses estudos, a gente pode constatar que a música brasileira já existe na música tradicional da infância.

Então, a música tem um papel muito importante no repertório dos brinquedos de criança.

Há muitos anos você pesquisa o brincar em vários países. O que encontrou de mais interessante?

Eu morei 20 anos na Europa, e lá existem muitas fontes. Tenho um acervo fabuloso de informações e usei muitas delas para mostrar, ao longo da história, o que significa o termo infância. Existem pinturas, gravuras, esculturas, achados arqueológicos. Com isso, você vê os mesmos brinquedos em épocas remotas interligadas e em culturas completamente diferentes. Por exemplo: o brinquedo das cinco pedrinhas, na minha terra, chama-se “capitão”; em Vitória da Conquista, é chamado “jogo da avó”; e, provavelmente, o nome muda em outros municípios. Esse é um brinquedo que é encontrado em muitas épocas. Tenho documentos da Grécia Antiga, revelando que eles já usavam esse brinquedo. Existem pinturas na Holanda do século XVI, na Inglaterra do século XIX e também na Itália. Você o encontra em vários lugares, os quais, pressupõe-se, não se comunicavam entre si.

O brincar também tem o papel de transferir cultura e experiência de uma criança para outra?

Necessariamente se transfere, porque quando a criança aprende um brinquedo, depois quer ensinar para as outras. Elas gostam disso. É assim que funciona a cultura da infância, ela vai permeando tudo, transferindo-se

de um lado para outro. Em uma aula, eu cantei um brinquedo da minha infância, que foi o único brinquedo de mão que eu conhecia quando criança. Enquanto eu cantava, uma senhora cantava junto comigo. Ela disse que conhecia aquele brinquedo, mas ela morava em Bofete, no interior de São Paulo, e não tinha nenhuma ligação com o Nordeste. Eu não sei como esse brinquedo chegou até lá. Muitas vezes eu encontro esse tipo de situação. Eu sonho com o tempo em que nós poderemos falar em integração nacional através da cultura da criança, de modo que os meninos passem a reconhecer os seus compatriotas por meio de uma cantiga que ambos conheçam. Gostaria de viajar o Brasil inteiro para verificar essas diferenças. Porém, essa tarefa fica para as gerações futuras.

Você acha que o brinquedo industrializado está substituindo esse intercâmbio cultural entre as crianças?

Sim, e é uma pena. Inclusive, poucos são os artesãos, hoje em dia, que fazem brinquedos. Até nas feiras do interior, os brinquedos de plástico, que não têm valor lúdico nenhum, estão por toda parte.

Os brinquedos são diferentes de acordo com a idade?

Eu entendo os brinquedos como uma expressão da necessidade de crescimento. Então, com um ano, a criança acaba descobrindo as mãozinhas e passa a usá-

las como brinquedo. O menino que é um pouco mais velho e aprende a andar tem necessidades diferentes, e o corpo dele pede determinados movimentos que a própria evolução o leva a realizar. Existe uma cronologia. Depois, os brinquedos vão ficando cada vez mais diversificados. Alguns possuem regras que representam um desafio para o corpo e que resultam em uma apropriação das possibilidades de movimento que existem no corpo humano. Os meninos incorporam isso por meio de seus brinquedos.

O videogame e o computador impossibilitam esse desafio para o corpo?

Tendo observado durante anos o brincar das crianças entre si, eu acho o videogame de uma pobreza enorme. Primeiro porque não precisa do outro. E depois, a criança tem que cumprir as regras do brinquedinho.

O que você deve fazer é mostrar outras possibilidades e, antes de mais nada, levar os meninos para a natureza. A gente saiu da natureza para morar nas cidades, com espaços cada vez menores, os quintais desapareceram, a maioria das pessoas mora em apartamentos, os quartos das crianças são menores e elas não vão ao playground porque têm televisão e computador em casa.

Quando um menino está à beira do mar, ele tem a água pra brincar ou a areia pra rolar. Se está no campo, tem uma árvore pra subir. Ele passa por desafios que vão restituir o sentimento do corpo, que é o que se perdeu.

O que isso representa para a criança?

Tudo funciona “na cabeça”, não só o pensar. Tem também o sentir, o querer, o fazer. E a parte do fazer está adormecida. A escola também faz parte do pensar. Mas é um pensar desconectado, pois só existe a preocupação em compreender e organizar. Criam-se regras para entender as coisas em uma dimensão abstrata. O grande problema da humanidade é ter saído da natureza. Mesmo quem está na zona rural já possui televisão; as crianças ficam plantadas em frente à tela; e os pais arranjam qualquer dinheiro para comprar bobagens eletrônicas para os filhos.

Os brinquedos brasileiros podem revelar as origens do nosso povo?

Sim. É interessante ver as várias vertentes de formação do povo brasileiro. Eu tenho encontrado na zona rural muitos brinquedos remanescentes de índios. Percebemos que na estrutura melódica algumas coisas são mais africanas, outras são mais indígenas, outras de origem portuguesa, ibérica. Chegamos a encontrar todos os gêneros da música brasileira. Isso porque os pais, em um certo momento, cantam para os filhos.

Depois de um tempo estudando isso, passamos a diferenciar o que é nitidamente inventado pelas crianças e o que não é, que possui uma arquitetura diferente e mais desenvolvida, assemelhando-se a canções da cultura popular. Por isso, é de extrema importância o estudo da música tradicional da infância.

Você falou em “integração nacional através da cultura da criança”. Como isso seria possível?

O primeiro gesto seria se interessar pela cultura da criança. A televisão se incumbiu de passar um borrão em cima disso tudo, e foi-se perdendo o gosto não só da cultura da criança, mas de tudo o que é nacional.

Ainda vi um Brasil em que as pessoas se reuniam para cantar, para tocar um bandolim, um cavaquinho, puxar um violão. Existiam concursos de música popular e havia um estímulo à criação dentro dos moldes da cultura brasileira. Porém, a televisão monopolizou a atenção das pessoas, e o convívio ficou comprometido.

Tenho visto um grande interesse das pessoas em relação ao brincar, e vejo esse interesse crescer a cada dia, principalmente em São Paulo, onde muitos sentem saudade da cultura popular. Só o fato de existir há 15 anos em São Paulo uma casa como o Brincante (que promove estudos, pesquisas a respeito da arte e da cultura brasileira e que oferece cursos voltados para o brincar), já revela um sinal de aproximação, de busca. É importante também fazer com que as pessoas voltem a se lembrar e a perceber que a infância está desaparecendo. E isso acontece em todo o mundo.

Por que você acredita que a infância está desaparecendo?

Estão tirando os filhos das mães cada vez mais cedo para ir à escola. E lá começa uma prática apenas

mental, quando as crianças são um corpo. Elas vivem em completa inteireza: o sentir, o pensar e o querer são uma unidade na criança, mas já na educação fundamental começa-se a dividir isso. Eu vejo esse fato como uma ameaça muito grande, uma perda irreparável para a humanidade. A falta de tempo dos adultos tem contribuído fortemente para as crianças ficarem no videogame. A criança vem sendo “domesticada” de acordo com os interesses comerciais da televisão. A solução é fazer os meninos conviverem com outros meninos, levar as crianças para a natureza, pois um projeto extraordinário da própria evolução está contido em nós mesmos. Felizmente, muitas vezes estão se levantando e tentando reconquistar o espaço de direito da criança, que são a natureza e o convívio, para que na cultura da criança restabeleça-se um equilíbrio para o ser humano.



“O quintal é o território encantado da infância”



Foto: Arquivo pessoal

A d e l s o M u r t a F i l h o

é o nome de batismo, mas o apelido de infância acompanha Adelsin até hoje. Ainda menino, na periferia de Belo Horizonte, construía seus próprios brinquedos. Esse hábito virou profissão e motivou pesquisas sobre os brinquedos que os meninos do Brasil inventam.

Nesta entrevista ao Projeto Criança e Consumo, o artista plástico afirma que as crianças só vivem o brincar por completo quando participam de toda a criação do brinquedo, desde sua construção até o próprio ato de brincar.



Projeto Criança e Consumo - Por que o interesse em pesquisar os brinquedos inventados pelas crianças?

Adelso Murta Filho - Fui um menino de periferia e sempre fiz meus próprios brinquedos. Cresci e cursei Artes Plásticas e Educação Artística para poder trabalhar com crianças em escolas e em projetos sociais. Logo no começo desse trabalho eu sentia que havia uma distância entre a linguagem das crianças e a minha, por mais que eu procurasse ser um bom professor. Quando participei de um curso, durante o festival de inverno da Universidade Federal de Minas Gerais, com a Lydia Hortélio, descobri que existia um movimento da infância e uma cultura própria das crianças. Aquilo foi uma revelação muito maravilhosa. Comecei a observar mais as crianças nos seus movimentos espontâneos e passei a aprender mais do que ensinar. Já se passaram 23 anos desde que comecei essa observação.

A partir de quando você começou a pesquisar os brinquedos?

Minha pesquisa foi feita de maneira informal. Quando eu viajava e passava pelos festivais culturais no interior de Minas Gerais, fazia oficinas para professores em diversas cidades. Em cada oficina, recolhia sinais, indicações da cultura e da infância do lugar. Eu também levei esse trabalho para outros estados. Saía à procura de crianças brincando pelas cidades que eu visitava para reconhecer quais eram os movimentos espontâneos das crianças daquele lugar. Essas pesquisas me estimularam

a criar um projeto de casinhas de cultura, que eram núcleos para o fortalecimento da valorização da cultura própria dos lugares, com ênfase na cultura infantil. Essas casinhas viraram fontes de informação dos brinquedos e das brincadeiras do povo de determinada região.

O que mais chamou sua atenção nas pesquisas?

Achei interessante ver que há um movimento comum aos brinquedos em vários lugares. Mas cada lugar tem uma característica própria, usa materiais próprios. Por exemplo, no Maranhão, tem uma foto interessante de um pai que fez um brinquedo com miolo de buriti, fruta típica do estado. O brinquedo tem dois bonequinhos que batem um pilão. Esse mesmo brinquedo é encontrado em vários lugares do mundo, mas feito de materiais diferentes. O que mais me encanta são os carrinhos que eles mesmos fazem, com rodas de sandália, de sabugo de milho ou galhos que têm formato de rodinha quando secam.

As crianças estão perdendo o contato com a natureza?

Infelizmente sim. A cultura das cidades tem distanciado as crianças da cultura da natureza. Mas qualquer chance que as crianças têm de voltar para a natureza elas aproveitam. O adulto precisa guiá-las para a natureza porque, cada vez mais, cria-se o hábito de ficar muito tempo sentado. Na minha comunidade, elas brincam com areia, árvores, pedras, água, sementes... A natureza e a criança são uma coisa só.

E o que você acha que elas perdem com esse distanciamento?

Perdem tanto! As crianças hoje estão lidando demais com duas dimensões: papel e tela de aparelhos. Na natureza, tudo é 3D, tem textura, profundidade, cheiro. Com o distanciamento da natureza, ficamos menos expressivos. E depois, menos serenos. A cidade deixa a gente muito áspero, "cimentado". As relações sociais de quem cresce em contato com a natureza são mais amenas. Onde eu moro, raramente vê-se um menino brigando com outro. Eles têm divergências. Mesmo os adultos ficam com raiva uns dos outros, mas não se vê aquela aspereza, tensão e briga, muito comuns nos ambientes urbanos.

Apesar desse distanciamento, as crianças continuam inventando brincadeiras?

As meninas da cidade têm chamado atenção porque inventam muitas brincadeiras com as mãos. Sempre inventaram e continuam inventando. O impulso de brincar ainda é o mesmo, os espaços é que estão ficando cada vez menores. Assim, meninas e meninos estão cultivando as brincadeiras que podem ser brincadas em pequenos espaços. O que é lamentável é que o brinquedo eletrônico toma muito tempo da infância. Se o videogame e o computador fossem parte de um conjunto maior, apenas mais um brinquedo da infância, aí tudo bem. Mas o problema é a monocultura. Se fosse só peão, só papagaio, só elástico, também

seria ruim, pois a infância é feita para ser vivida nos seus diversos gestos.

Você vê algum benefício nos brinquedos industrializados, eletrônicos?

As crianças têm um poder de transformação tão grande que elas fazem, com os brinquedos, usos que a gente nem imagina. Elas vão brincando, quebrando e transformando o brinquedo e ainda reaproveitam as peças. Mas os brinquedos industrializados trazem a forma muito pronta. Já os brinquedos construídos pelas crianças não. Eles têm uma forma sugerida, não são uma cópia fiel. Têm uma expressão diferente. É uma pena que as crianças trabalhem só com imagens realistas. A fantasia acaba sendo prejudicada com isso. Hoje, os brinquedos são baratinhos e todos têm acesso a eles. A maioria exige pilha, que também não é legal por conta dos riscos que causa para o meio ambiente. A “sorte” é que tudo quebra rápido. Um brinquedo completo, a meu ver, é aquele que começa na vontade de brincar, na procura do material, na construção do brinquedo e é finalizado na etapa do brincar.

As escolas deveriam estimular mais a construção de brinquedos?

Sim. É muito comum nas escolas de educação infantil existir aquela amarelinha já riscada no chão. As crianças chegam, brincam e depois saem. É interessante

que as crianças continuem riscando suas próprias amarelinhas.

Qual a importância de existir um espaço em casa para desenvolver os brinquedos por completo?

O quintal é o território encantado da infância. É onde a criança pode experimentar o íntimo com a natureza. Todo quintal tem pé de fruta, tem árvore para subir, tem pedacinho de terra. Ali ela tem, ao mesmo tempo, a experiência de brincar sozinha, com a natureza, e também com os amigos. Eu acho que toda criança merecia ter um quintal. Deveria ser um direito previsto nos direitos da criança (risos). Meu trabalho hoje nas escolas e nas creches é criar esses quintais, espaços com presença de natureza. Tem escola no Brasil que não tem nenhum sinal de natureza; é tudo cimentado. Minha proposta é repensar o espaço para que o quintal esteja presente.

Que tipo de brinquedo mais interessou às crianças que você conheceu nas suas pesquisas?

A maravilha da infância está justamente na variedade de interesses. Tem os brinquedos cíclicos, que vêm de acordo com o tempo do ano, do vento, da chuva... E as crianças estão sempre interessadas no movimento mais sutil ou mais expansivo deles. Quando chega qualquer brinquedinho novo, de algum amigo de longe, ele faz o maior sucesso, independentemente da qualidade. Em pouco tempo, ele já é deixado de lado. As crianças

voltam para suas escadinhas, bolinhos e castelos de areia. Eles optam pela natureza. E se tiver água então, melhor! As crianças ficam encantadas com os brinquedos novos, mas rapidamente voltam aos habituais.

Como tem sido o interesse dos adultos em conhecer melhor a importância do brincar?

Percebo muito isso em São Paulo. As pessoas da maior cidade da América Latina estão muito saudosas do contato com a natureza. A gente tem que perder para valorizar. Aqueles que vivem na natureza nem dão valor, não sabem que estão perto do céu. São Paulo é, hoje, uma referência muito grande para o Brasil, e essa referência está se expandindo nos grandes centros. Embora a cultura da educação ainda esteja voltada para o ensino mais tradicional, existe uma tendência direcionada para uma educação mais aberta, voltada para o ser humano, não apenas para a mente.

Foto: Murrillo Medina



“Arte, religião e descobertas científicas são todas enraizadas na nossa capacidade de brincar”

S u s a n L i n n

é autora de diversos estudos sobre a infância. Uma das pioneiras no uso de ventríloquo como ferramenta terapêutica, é cofundadora da Coalizão pelo Fim da Exploração Comercial Infantil, uma organização americana voltada para limitar os impactos da cultura do consumo nas crianças. Sobre esse tema, Susan publicou o livro “Crianças do Consumo - A Infância Roubada”, traduzido e editado pelo Instituto Alana.

Professora de psiquiatria na Escola Médica de Harvard e diretora associada do Centro de Mídia Infantil Judge Baker, em Boston, Susan já esteve no Brasil duas vezes para falar sobre os graves impactos do marketing no desenvolvimento infantil.

Nesta entrevista ao Projeto Criança e Consumo, ela explica a importância do brincar, fala sobre o uso de novas tecnologias nos brinquedos e mostra como o marketing utiliza esses dois aspectos para conquistar as crianças.

Projeto Criança e Consumo - Atualmente, muitas crianças são tratadas como adultos e muitos adultos são tratados como crianças. Por que isso acontece?

Susan Linn - Uma razão é que a indústria do marketing explora a tendência natural da criança de admirar e de querer imitar crianças mais velhas. Ela usa uma técnica chamada "marketing aspiracional". Então, crianças de seis anos são alvo do mercado publicitário e tratadas como se tivessem 13; as de 13, como se tivessem 18; e assim por diante. Como resultado, as crianças estão caindo nas "armadilhas" da maturidade e usando roupas, ouvindo músicas e adotando uma linguagem como se fossem mais velhas do que de fato são. Mas não existem evidências que indiquem que o desenvolvimento emocional e social dessas crianças caminha no mesmo ritmo.

Quais são as consequências para as crianças em pular etapas do desenvolvimento infantil?

Desenvolvimentistas acreditam – e eu concordo com eles – que passar com sucesso por cada fase do desenvolvimento depende de ter vivido plenamente a fase anterior. Voltando à sua pergunta anterior, uma das razões para sua observação de que os adultos são tratados como crianças é porque eles não tiveram chance de ter a experiência completa da infância. Quando a indústria do marketing foca crianças pequenas como se

elas fossem adolescentes, nós eliminamos um período importante da infância – elas pulam do período em que ainda são *toddlers* (crianças entre um e três anos) para a adolescência. Nós temos garotas da pré-escola preocupadas se estão gordas, se são bonitas, se vão conseguir um namorado. E todas essas preocupações são de adolescentes.

Essa fase que fica para trás, a meia infância (entre três e 10 anos), é um período em que a criança pode se concentrar em desenvolver habilidades, em aprender e em explorar o mundo sem total consciência de si. É um tempo de desabrochar, especialmente para as meninas, e a sociedade de consumo trabalha para negar essa fase essencial de crescimento e desenvolvimento.

Qual a importância do brincar? Por que isso é tão essencial para as crianças?

Ter contato com brincadeiras criativas é fundamental para o aprendizado, criatividade, para a solução construtiva de problemas e para habilidade de autocontrole. Arte, religião e descobertas científicas são todas enraizadas na nossa capacidade de brincar.

É dessa forma também que as crianças aprendem a lidar com a vida e a encontrar significados. Brincadeiras criativas proporcionam uma janela dentro do coração e da mente das crianças – é dessa forma que elas expressam suas próprias verdades. Além do fato de serem alimentadas, terem uma casa e amor, não existe

nada mais importante para a saúde de uma criança durante sua infância do que brincadeiras criativas.

Hoje, crianças brincam de pipa, mas também navegam na internet. Como lidar com essa realidade e usar as tecnologias de forma produtiva?

Para usar as novas tecnologias de forma produtiva com as crianças, é necessário ter certeza de que há um equilíbrio na maneira como a criança usa seu tempo. Atualmente, existem muitas “telas” na frente das crianças vendendo coisas demais. Nos Estados Unidos, as crianças estão gastando 40 horas por semana com mídias depois da escola. Pelo mundo, assistir à TV é a atividade mais comum entre as crianças. Isso está se tornando um hábito. Uma maneira de garantir que elas usem a tecnologia de forma produtiva é assegurando que não se tornem dependentes ou até mesmo viciadas.

É preciso garantir que as crianças tenham tempo de brincar ao ar livre e interajam com a natureza. Precisamos ajudar os pais a analisar em que momento devem apresentar essas mídias aos seus filhos e a que tipo de conteúdo estão expostos. A Academia Americana de Pediatria [AAP] recomenda nenhuma exposição a TVs e computadores antes dos dois anos de idade. Não há evidência concreta de que essas mídias são educativas para bebês. Estudos mostram que quanto mais bebês e crianças que estão na pré-escola são expostos a tais mídias, menos tempo eles gastam em

duas atividades fundamentais: brincadeiras criativas e interação com os pais. O órgão ainda recomenda limitar a quantidade de tempo que as crianças mais velhas gastam em frente às telas e que os pais devem monitorar o que elas veem.

Nós precisamos encontrar uma maneira de educar os pais de hoje, e futuros pais, sobre prejuízos e benefícios das mídias eletrônicas e ajudá-los a fazer escolhas positivas para seus filhos.

No seu livro “The Case for Make Believe” (ainda sem tradução no Brasil), há uma crítica aos brinquedos eletrônicos. Como eles podem contribuir positivamente ou negativamente no desenvolvimento infantil?

Para crianças jovens, os melhores brinquedos são 90% crianças e 10% brinquedos. Os brinquedos que encorajam a brincadeira criativa são aqueles que estão lá parados até que a criança faça alguma coisa com eles. Os brinquedos verdadeiramente criativos requerem esforço. Um brinquedo que anda, fala, dança, faz barulhos ou se move ao apertar de um botão encoraja a passividade, e não a criatividade. Brincar com jogos de computador ou navegar na internet pode ser divertido, mas para crianças pequenas, os brinquedos eletrônicos tendem a diminuir sua criatividade ao invés de estimulá-la.

Se queremos que as crianças se tornem adultos ativos, curiosos e criativos, é preciso proporcionar a elas desde cedo um contato ativo com o mundo, em que reaja ao que é apresentado a elas.

Quais são os fatores determinantes para a diminuição das brincadeiras criativas?

Nos Estados Unidos, há muitos fatores que contribuem para isso. Os pais têm medo de deixar os filhos brincar fora de casa. Muitas crianças saem da escola e precisam fazer as lições de casa ou praticar esportes. As políticas nacionais de educação têm diminuído e até eliminado as brincadeiras dentro das escolas – até mesmo no jardim de infância. O maior fator é a crescente entrada de mídias eletrônicas e do marketing na vida das crianças. Estudos mostram que, internacionalmente, a atividade mais comum entre as crianças é assistir à televisão. Os brinquedos mais vendidos são os eletrônicos, ligados a programas de mídias ou ambos. As pesquisas também sugerem que crianças brincam com menos criatividade quando os brinquedos são baseados em características de mídias e programas.

Como os investimentos em marketing afetam as crianças e seu desenvolvimento?

O marketing é um fator presente em muitos dos problemas que as crianças encaram hoje: obesidade, transtorno alimentar, sexualidade precoce, violência,

estresse familiar, valores materialistas e a erosão das brincadeiras criativas. Tudo isso está ligado ao marketing. Embora ele não seja a única causa desses problemas, está presente em todos eles.

Qual a diferença entre brinquedos estruturados e não-estruturados?

Brinquedos estruturados são baseados em características de mídias, que só podem ser usados de uma única maneira e que requerem o mínimo de esforço das crianças. Eles limitam suas habilidades de interagir com o brinquedo, de imprimir nele suas características pessoais, de usá-lo como forma de se expressar e de conquistar uma sensação de domínio sobre seu mundo.

Com brinquedos não-estruturados, os “valores da brincadeira” estão muito mais na criança. Dessa forma, ela precisa confiar em seus próprios recursos para conduzir a brincadeira. Blocos de madeira são um exemplo de brinquedo não-estruturado.

Nos Estados Unidos, o consumo é muito mais significativo do que no Brasil. O consumismo é um problema maior para as crianças americanas?

Na medida em que as nações se tornam mais ricas, mais inseridas na cultura do consumo, menos propensas ficam para regular o marketing voltado às crianças.

Os problemas causados pela comercialização para crianças certamente vão crescer nos países emergentes. Não estou em posição de julgar se o consumismo é um problema maior para as crianças americanas do que para as brasileiras, mas eu sei que está crescendo, no Brasil, a preocupação com o impacto do marketing para as crianças. Por meio do Projeto Criança e Consumo, o Instituto Alana tem feito um grande trabalho para aumentar a consciência sobre o tema e fomentar a vontade política para abordar o problema.



“As crianças estão sendo educadas por um outro mundo que foge aos muros da escola”



Foto: Renata Ursala

A d r i a n a F r i e d m a n n

ensina: o brincar é fundamental ao ser humano, e não apenas à criança. Cofundadora da Aliança pela Infância no Brasil, é educadora e pesquisadora do brincar, tendo publicado diversos livros sobre o tema.

Nesta entrevista ao Projeto Criança e Consumo, Adriana afirma que a criança contemporânea, ao contrário do que muitos acreditam, brinca sim e está cada vez mais criativa. Para ela, o que falta é um diálogo mais efetivo dos adultos com o mundo lúdico infantil. “Há três décadas temos falado em um tom de saudosismo. Está na hora de a gente entender mesmo do que as crianças estão brincando”, diz.

Projeto Criança e Consumo - Qual a importância do brincar para o desenvolvimento infantil?

Adriana Friedmann - A partir de pesquisas, estudos e de muitos anos trabalhando com formação de professores e com o aprofundamento nessa área, vejo que o brincar em si é uma das linguagens essenciais do ser humano. Um recém-nascido se expressa por meio de gestos, de movimentos do corpo e do brincar. Claro que depois vem a expressão plástica, a arte, a expressão musical, a expressão verbal. Porém, o brincar permanece como um meio pelo qual as pessoas, principalmente as crianças, se expressam e conhecem o mundo a sua volta.

Então o brincar é importante para todo mundo?

Sim, para todo mundo. Embora o adulto encare o brincar como um comportamento infantil ele brinca, por exemplo, com as cores das roupas ao se vestir pela manhã, quando decora a casa, quando coloca a comida no prato na hora das refeições... No fundo, há uma brincadeira, uma ludicidade no seu cotidiano. Muitos dos hobbies dos adultos têm o prazer do lado do lúdico das brincadeiras.

É possível definir o brincar?

Existem muitas definições. Eu sempre digo para os meus alunos que as definições são tão abrangentes como os seres humanos. O brincar foi estudado por filósofos, psicólogos, educadores, antropólogos,

historiadores, um leque enorme de especialistas. Eu enxergo o brincar como uma linguagem ou forma de comunicação e expressão do ser humano, expressão da essência do ser humano, mesmo que ele não tenha consciência – como é o caso das crianças, que brincam sem saber que, no fundo, estão se mostrando ao mundo. Nós, adultos, é que não enxergamos e, muitas vezes, não compreendemos essa linguagem. Hoje, um dos grandes desafios para o adulto é tentar compreender o que a criança diz quando brinca de faz-de-conta, quando brinca com o corpo no jogo de capoeira, quando canta, quando toca instrumentos.

Alguns especialistas afirmam que a brincadeira precisa ser estimulada na criança. Você concorda?

Alguns naturalistas dizem que o ser humano nasce sabendo brincar. Friedrich Schiller, filósofo alemão, dizia que o ser humano somente é humano quando brinca, e é humano porque brinca. Essa é uma linha que diz que as pessoas já nascem sabendo brincar. E existe outra linha, hoje muito discutida, que diz que o ser humano aprende a brincar. Eu tenho um olhar diferente. Vejo um diálogo entre as duas coisas. Tanto o ser humano já nasce com o potencial do lúdico, do brincar e da brincadeira, como ele também precisa aprender a brincar. Por exemplo: o bebê chega ao mundo, e o primeiro grande brinquedo dele é o próprio corpo e o corpo da mãe. Ele já nasce com o instinto lúdico. Mas é claro que, para a criança manipular objetos, brincar e dar sentido a uma brincadeira, muita coisa precisa ser aprendida.

E qual a diferença entre o brincar e a brincadeira?

A brincadeira é um tipo de atividade lúdica não-estruturada que se perpetua e é transmitida de uma geração para outra de forma oral, assim como os contos de fada e os contos populares. Brincadeiras como amarelinha, jogo das pedrinhas, pipa sempre existiram, desde a Antiguidade, e elas continuam existindo no mundo inteiro. De uma região para outra, cada grupo apresenta variações, mas a estrutura não muda ao longo da história e da geografia do planeta. É um fenômeno muito singular, mas há uma liberdade na brincadeira, uma flexibilidade ao se romper uma regra, por exemplo quando usamos uma pedrinha ao invés de uma bolinha. Depois, existem os jogos, que são estruturados. Há os jogos universais, como o futebol, que têm regras fixas universais; e o jogo de xadrez, gamão, jogos de tabuleiro. Essas são as sutilezas desses conceitos do fenômeno lúdico do brincar. No fundo, acho que o que interessa é o espírito que perpassa essas situações.

Você mesma fez esse questionamento: como é possível existir esse fenômeno lúdico no mundo inteiro, atravessando gerações ?

É um fenômeno muito interessante porque faz parte do ser humano, das culturas locais e existe no mundo inteiro. É como os contos e os mitos que, por algum fenômeno universal, são transmitidos e perpassam os livros, os manuais. Foi criado em Belgrado, na década de 1970, um projeto universal para o registro

das brincadeiras tradicionais para que elas não se perdessem na era da tecnologia. Eu entrei nesse projeto representando o Brasil. A amarelinha continua sendo a amarelinha; a pipa continua sendo a pipa. Ela pode até funcionar com diferentes materiais, mas o importante é a ideia de que a pipa tem que voar. O registro das brincadeiras populares é um documento importante e, ao mesmo tempo, dúbio porque o que interessa é que as crianças brinquem. De qualquer forma, é um patrimônio da humanidade.

Você fez parte de um projeto parecido com esse no jornal Folha de S.Paulo. Que experiência você teve com o Mapa do Brincar?

O Mapa do Brincar foi muito importante nesse momento, no fim da primeira década do século XXI. Há três décadas temos falado em um tom de saudosismo: “Vamos trazer as brincadeiras tradicionais!”. Ficamos um pouco assustados com essa invasão do eletrônico, da TV, do videogame, e há um movimento para ensinar às crianças brincadeiras populares, como essa iniciativa do jornal Folha de S.Paulo. Está na hora de entendermos mesmo do que as crianças estão brincando, e nós, adultos, precisamos aceitar e mergulhar um pouquinho nesse universo que não conhecemos. A gente quer ensinar muitas coisas, mas as crianças estão nos dizendo outras. Elas estão muito criativas e inventam nomes para as brincadeiras. Elas juntam as brincadeiras que conhecem e que aprendem e as recriam, dando novos significados.

Qual foi a principal descoberta do Mapa do Brincar?

As crianças, na verdade, adaptam as temáticas da vida delas às brincadeiras que fazem. E elas trazem perfis das pessoas que estão a sua volta e um pouco da cultura dessas pessoas. Para o Mapa do Brincar, nós fizemos uma classificação e criamos uma chamada “outras brincadeiras”. Essas outras brincadeiras são justamente essas ressignificações, invenções. É muito singular, não são mais aquelas brincadeiras que a gente conhecia. Há novos repertórios. As crianças estão brincando, mas estão dando personalidade às brincadeiras, personalidade da cultura local influenciada pela cultura global. Para o projeto, foram feitos, no Ceará, dois pequenos documentários sobre crianças que ensinavam a fazer alguns brinquedos. Aqueles meninos aprendem com o entorno deles, com o ambiente, ou seja, com os materiais que eles têm. Nós temos a tendência de achar que se não ensinarmos a brincar, eles não brincam; se não dermos o material, eles não acham. E não é assim. O grande tema dessa geração é criatividade. E não veio só material de criança que está na escola, mas justamente de quem está fora da escola, de quem está na ONG, na comunidade, no bairro.

De que forma o distanciamento da natureza impacta a criatividade da criança?

Há dois anos, a Folhinha (caderno infantil do jornal Folha de S.Paulo) fez um levantamento que se chamava “Ser criança hoje é...”. As crianças tinham que escrever

sobre vários temas. Eu montei uma equipe de pesquisa e, hoje, nós estamos trabalhando em cima desse material. Esse trabalho é um pouco diferente do Mapa do Brincar porque as crianças tiveram muita liberdade para falar do que queriam – medos, natureza, família, bichos, brincadeiras. E temos tido algumas surpresas, pois as crianças estão muito assustadas com o que está acontecendo com a natureza, com o que as gerações anteriores estão deixando para elas, com o aquecimento global, com a violência... Elas estão trazendo alguns pedidos de socorro nesses depoimentos. Uma chuva, uma ventania, e as crianças, principalmente nos centros urbanos, se sentem inseguras, querem ficar resguardadas. Em países em que o clima é muito frio, as crianças saem e brincam na neve. Aqui não é assim. Esfriou, vai todo mundo para dentro de casa. Acho que há o medo porque não há contato com a natureza. Mas não é porque essas crianças não têm esse contato que elas não são criativas. Não é porque têm contato com computador e videogame que não são criativas.

Acho que há um engano com alguns conceitos. O que acontece hoje é um consumismo desenfreado com relação ao brinquedo. Por quê? É propaganda, é porque o amigo tem. Mas, no fundo, esse “eu quero” é uma forma de preencher um vazio mais profundo, que passa pelo afetivo, pela falta da presença do pai e da mãe. Renata Meirelles, educadora, tem uma pesquisa muito interessante. Ela vai para as comunidades ribeirinhas, onde as crianças pegam galhos de árvore, fazem um pião e o pião se perde na mata, e no dia seguinte começa tudo de novo. São crianças que não têm o mesmo apego que as nossas crianças, de que algo é

um tesouro, mas sim um tesouro que está imbuído de um significado mais profundo. Não existe somente o desejo de possuir aquele objeto, mas a consciência de que naquele momento a mãe deu atenção a ela porque simplesmente o comprou. Eu vou um pouco além. Quando vejo a criança brincar com uma arma ou de maneira que pode parecer violenta, penso que ela está expressando uma coisa muito profunda de si mesma. É uma angústia para o adulto ver aquilo. Então, ficamos do outro lado e falamos: “Apaga isso”; “Isso não é bom para você”.

Nesse sentido, há uma falta de diálogo do adulto com a criança?

O que precisamos fazer é mergulhar no mundo delas. As crianças entram em um universo de fantasia que não é mais aquela fantasia que vivenciamos na nossa infância, mas que também tem coisas interessantes e positivas. As crianças têm regras próprias, valores próprios, por isso, além de ensinar, nós também temos que aprender com elas. Estamos em um momento do trabalho com a infância em que precisamos ouvir as crianças a partir de suas linguagens.

Quando o brincar começou a fazer parte da educação formal?

Há registros arqueológicos que indicam que o brincar existe desde que o homem é homem e, antigamente, os adultos brincavam e se misturavam com as crianças.

Hoje, o brincar entra na escola como um instrumento de ensino e se pedagogizou. O prazer de brincar ainda fica restrito para a hora do recreio. E o que vem acontecendo? As gerações dos últimos 20 anos são de crianças que não ficam quietas, não prestam atenção. O brincar como instrumento de ensino pode virar uma obrigação e, paralelamente a isso, o tempo de recreio vem diminuindo a cada ano. As crianças estão ficando mais reprimidas e com menos tempo para se descobrirem.

Qual seria o modelo mais interessante para o desenvolvimento da criança?

Não há um modelo fechado, mas sim situações mais espontâneas e situações direcionadas. A situação espontânea é um momento em que o educador tem a oportunidade de registrar reações, de perceber o potencial da criança, o interesse, a necessidade. No meu entender, tem de haver, em todas as disciplinas e até em todos os graus, um equilíbrio entre as duas situações e sempre levar em conta a adequação conforme o estágio de desenvolvimento de determinada criança. Conhecer como se dá esse processo de desenvolvimento cognitivo, emocional e físico é muito importante para adequar as propostas.

Houve, nos últimos anos, um aumento da pressão por aprendizado em cima da criança?

A pressão vem do mercado para as universidades, das universidades para o Ensino Médio e para o Ensino

Fundamental. Nos últimos 15 anos, houve um aumento enorme no índice de criança hiperativa já taxada, medicada, encaminhada. O que está errado? Primeira coisa: criança com agendas extensas, fazendo esporte, arte, línguas. Temos que olhar também para as doenças, crianças com dor de cabeça e de barriga, depressão. Algumas se sentem muito pressionadas e outras, que vivem uma realidade diversa, tendo de trabalhar para ajudar no sustento da família. E, dependendo da região e do trabalho, precisam parar de ir à escola para ajudar na época da colheita. Muitas vezes, não compreendemos como funciona determinada cultura, por isso os nossos olhares precisam ficar um pouco mais relativizados nesse sentido. As crianças, de um modo geral, estão sendo educadas por um outro mundo que foge aos muros da escola, e é por isso que os educadores precisam reagir. As ONGs, a educação não formal têm tido uma resposta muito mais adequada em diversos casos.

Isso tem relação com uma crise da sociedade de consumo?

Sem dúvida. No Ceará, por exemplo, há boas experiências com crianças, como a experiência do Instituto da Infância, que leva o brincar para comunidades rurais. Casa de palafita, com antena de TV em todas elas, a natureza pé no chão, as riquezas locais, e as crianças muitas vezes não dão valor. Elas valorizam as salas fechadas, cheias de brinquedos industrializados, que não fazem parte daquele lugar, mas ao mesmo tempo são da cultura do mundo, porque o mundo está globalizado. Há um diálogo dessa cultura local lúdica com a cultura

que vem via meios de comunicação. Então, o educador da cidade almeja natureza, e quem está na natureza almeja o que está na cidade.

Você é uma pessoa otimista em relação à situação atual da infância?

Sou otimista sim. Na década de 1980, quando começamos a falar da importância do brincar, não havia interlocução. Hoje, nós temos muitos formadores, temos o brincar nas leis, o brincar na escola, o brincar como direito, os fabricantes de brinquedos com a consciência de que o que eles estão fabricando é especial, que deve existir um cuidado com o material, com a segurança. Sinto que ao mesmo tempo em que a situação está tão caótica, há um contraponto de um grupo muito grande em favor do brincar. Há um potencial que está perpassando todas as instâncias para humanizar a era da tecnologia.

Foto: Divulgação - Arnaldo J. G. Torres



**“É importante que a criança
seja impregnada com o que
há de melhor da sua cultura”**

P a u l o T a t i t

tem fãs grandes e pequenos. Há 15 anos, ele criou o selo Palavra Cantada ao lado da cantora e compositora Sandra Peres, e, desde então, produz música de qualidade para crianças. A intenção é fazer canções modernas que dialoguem com os mundos infantil e adulto. Não por acaso, as músicas do Palavra Cantada já fazem parte do repertório de muitos pais e educadores Brasil afora.

Nesta entrevista ao Projeto Criança e Consumo, o artista diz perceber uma preocupação cada vez maior com a importância do brincar, mas que grande parte da produção cultural infantil ainda é muito pouco criativa. “Quem está no comando não tem noção do que é uma criança. É o tipo de pessoa que rompe com a infância e que fica projetando coisas que não têm nada a ver.”



Projeto Criança e Consumo - O Palavra Cantada tem 15 anos de história. O que levou você a trabalhar com música para crianças?

Paulo Tatit - Quando decidimos fazer um disco para crianças, foi por um interesse bem musical, para criar um repertório de canções de ninar que tivesse mais a ver com os dias de hoje. E acabamos fazendo uma música que fala com a criança e com o adulto ao mesmo tempo. Continuamos nessa estrada porque tivemos uma resposta muito boa do público e da crítica. Passou a ser quase um dever continuar fazendo música infantil.

Uma das dificuldades de produzir cultura para crianças é entender o mundo lúdico delas. Como é o processo de criação de vocês?

Tem gente que faz uma ruptura muito grande com a infância. Mas, para mim, esse processo foi diferente, não sei dizer por que motivo. Talvez porque os artistas, de um modo geral, sempre voltam à infância. Para eles, esse lado lúdico da vida é mais intenso, porque são pessoas que têm um fio condutor que tenta não esquecer o passado. O passado faz parte de tudo. Acho que isso acontece comigo, com a Sandra (Peres), com os meus parceiros, como o Arnaldo Antunes. Mantenho vivo aquele jeito da criança de achar graça em tudo e visito isso de vez em quando.

Outro aspecto importante é observar as crianças. Posso estar olhando meio de rabo de olho, fazendo outra

coisa, mas a minha atenção vai naturalmente para elas. Então, eu vejo caretas, ouço comentários engraçados, vejo se uma criança está feliz, se está introvertida. Com isso, tenho mais facilidade de me comunicar com ela. Se prestarmos atenção em uma festa de família, tem gente que nem sequer olha para as crianças. "Aquilo é coisa de criança." A pessoa coloca uma barreira e não se visita mais. E na minha família isso é muito diferente. Então, acho que o meu trabalho e o meu interesse pelo mundo infantil vêm disso, de nunca ter rompido totalmente com a infância.

Em sua opinião, qual é o problema de se romper com a infância? Você acha que nós vivemos em uma sociedade cada vez mais distante do mundo das crianças?

Eu discordo da visão de que a nossa sociedade está se distanciando do lúdico. Já foi pior. Um pouco do sucesso do Palavra Cantada vem de algo que aconteceu na nossa sociedade, pois hoje há muitos pais interessados em acompanhar as atividades mais sutis de seus filhos. Meu pai queria que eu fosse à escola. O pai de hoje está interessado no que o filho escuta, de que tipo de filme ele gosta.

Mas isso não está restrito a um público seletivo?

O público do Palavra Cantada é bem diversificado. Inclusive, um dado importante é que professores da rede

pública usam nossa música como fonte de educação, em sala de aula. Acho que, de um modo geral, as pessoas começaram a perceber a importância do brincar; que o brincar vale alguma coisa. Na época em que eu era criança, brincar não valia nada. Depois, começaram a teorizar: “Isso aqui traz sociabilidade, aprimoramento psicomotor”... Hoje, vivemos um momento de reflexão sobre algo que antigamente não era feito para se pensar, que simplesmente acontecia.

Há uma preocupação do Palavra Cantada com o brincar, de fazer uma representação para a criança, de interpretar?

Muitas músicas levam a uma brincadeira. O próprio arranjo muitas vezes é palpável e convida a tocar junto, a dançar. Eu sempre trabalho duas linhas: fazer uma música cujo arranjo é mais delicado, com poucos elementos para que a criança perceba os sons dos instrumentos, e um arranjo mais preenchido, que pode ser escutado no rádio e na televisão. Então, tem aquele disco que eu imagino a criança ouvindo no quarto, prestando atenção no sax, no violão, no baixo. E tem o disco para ela ouvir em ambiente de festa, com uma música mais complexa, com todo mundo tocando ao mesmo tempo. Esse tipo de disco perde em ludicidade musical pura dos instrumentos, mas ganha na ludicidade de canto e dança.

Li uma entrevista em que você diz que formou o Palavra Cantada porque sentiu um vazio muito

grande nas músicas infantis. Mas, na década de 1970 até o início dos anos 80, havia uma produção cultural muito rica para esse público. O que aconteceu nesse meio-tempo?

Muitas vezes há uma projeção do mundo do adulto para o mundo da criança, em que se quer representar uma infância idealizada. Por exemplo: é típico pensar que é preciso fazer com que a criança fique eufórica. Hoje, todos os programas e músicas na TV são um pouco assim. Além disso, as versões traduzidas não têm rima nenhuma, não tem trabalho artístico. E as crianças estão ouvindo direto, porque TV não é páreo pra gente. Não dá para competir. Embora a nossa música fique na cabeça das crianças, elas são muito mais expostas à programação televisiva. E eu duvido que elas guardem uma música de programas infantis por mais de um mês. Acho muito ruim ter de ser sempre uma coisa eufórica. Parece que a criança precisa estar sempre feliz, que não pode ter introspecção, não pode ter mundo interior, não pode ter subjetividade... Tem que estar sempre pulando para o adulto ver. Acredito que o povo é que precisa cuidar da educação de suas crianças. Eu adoro música americana, meus heróis são ingleses e americanos, mas para as minhas crianças eu quero passar outra coisa. Não gosto do tipo de conteúdo do Hi-Five e do Barney (ambos programas infantis veiculados no canal Discovery Kids). Na adolescência é diferente, porque já somos capazes de fazer nossas próprias escolhas. É importante que a criança pequena, até 10 anos, seja "impregnada" com o que há de melhor da sua cultura.

Por que isso é tão importante?

A mensagem que a criança recebe não passa por reflexão, nem opinião. Se ela só tiver acesso a essa música americanizada, ela será impregnada de música da pior espécie, e isso fica dentro dela, não tem filtro. Muito melhor que a criança ouça um tipo de música que tenha a ver com o coração do Brasil, como as que vêm da África, da viola, do campo, do caipira. A nossa tentativa é aprofundar o que é brasileiro, genuíno, no sentido de criar uma raiz na criança. Depois, com essa raiz criada, ela pode ouvir qualquer coisa, mas aí já tem aquilo que é dela, do povo dela. Uma vez, tentamos penetrar no mercado de Portugal e percebemos que não havia espaço. Era como se os portugueses dissessem: “Vá cuidar de suas crianças lá, que das crianças daqui cuidamos nós”. A gente mandou tudo de melhor que tínhamos e só recebemos não, não e não. “Vocês com suas deformações de linguagem e suas músicas miscigenadas” [risos].

Por que a produção cultural de massa é tão empobrecida?

Porque quem está no comando não tem noção do que é uma criança. É o tipo de pessoa que rompe com a infância, que fica projetando coisas que não têm nada a ver. Os caras que estão no comando da TV brasileira não têm preparo. E quem tem preparo, não tem o perfil de ser dono de emissora, que é algo muito agressivo, muito competitivo. A Globo

sabe fazer novela e jornal muito bem. Mas na hora de fazer um programa infantil, fica tudo perdido. Ou então esses canais de TV a cabo para crianças: como pode uma mesma emissora transmitir uma coisa maravilhosa como Charlie e Lola ou Pocoyo e, ao mesmo tempo, passar Barney, insuportável, e Hi-Five (ambos veiculados no Discovery Kids)? A mesma emissora mistura coisas absolutamente diferentes porque, na verdade, está interessada na audiência. A única emissora que começou bem, com gente que entendia de criança, foi a TV Cultura. Mas agora também já se perdeu um pouco. O Cocoricó, por exemplo, é um programa que tem tudo para dar certo, mas o Julio, como herói, é um personagem bobo. Fiquei meio decepcionado quando assisti com minha filha. O Julio tinha que ser mais esperto (risos). Já o Pocoyo, que é uma produção de massa, é maravilhoso, inteligente.

Então você acredita que a produção de massa pode ter boa qualidade?

Algumas dessas grandes produções da Disney e da Pixar para crianças são muito boas. Minha filha não vai ao cinema. Mas eu e minha mulher vamos. O filme “Era do Gelo 3” em terceira dimensão, por exemplo, é encantador, porque não fica explorando o lado nervoso, frenético. Tem um floquinho de neve que quase esbarra no seu nariz. O roteiro é maravilhoso, as ideias são boas. Não dá para tachar como se fosse tudo a mesma coisa.

Entrevistei uma psicóloga de Harvard que fala muito sobre criança sendo tratada como pequeno adulto, e adulto sendo tratado como criança, principalmente pelo marketing. Existe uma inversão de valores?

Acho que quando o adulto constrói algo para a infância, tenta criar uma realidade artificial, em que as crianças são todas felizes, como se não tivessem visto o pai gritando com a mãe, a professora que chegou chorando na escola ou a babá impaciente. É como se a criança não estivesse exposta a um monte de coisas que ela não entende. Uma criança de quatro anos assiste à televisão durante o dia e acaba vendo, no comercial da novela, uma pessoa chorando, outra apontando um revólver. Aquilo é suficiente para ela ter uma noite mal dormida. É um mundo muito complicado. O que está se passando no interior de uma criança não são só flores.





criança e
CONSUMO



www.criancaeconsumo.org.br